

DIDÁCTICA DA DIALECTOLOGIA

Isabel Araújo

O tema da variação dialectal portuguesa não é consagrado pelos NPP do ensino secundário como tópico de reflexão para o estudo da língua. Se esta ausência pode ser justificada por critérios metodológicos ao longo do 3º ciclo, o mesmo já não acontece quando passamos ao secundário, uma vez que a sua não inclusão pode implicar o não cumprimento de alguns pressupostos pedagógicos e científicos que subjazem à elaboração de tais programas.¹

A "formação integral"² de cidadãos prevê todo um projecto pedagógico capaz de desenvolver atitudes e valores que concorram para o amadurecimento de um determinado perfil social. No final deste ciclo de aprendizagens, o aluno deve demonstrar uma conduta de "abertura de espírito, de tolerância e de respeito pela diferença", bem como ser capaz de se identificar "criticamente com a realidade portuguesa". Outra das finalidades expressas nestes programas, tanto para o Português A (cf. pág. 25), como para o Português B (cf. pág. 89), é a necessidade de se "Incutir o respeito pela língua, património comum e factor de identidade nacional e coesão supranacional".

Resta apenas saber se estes objectivos poderão ser conscientemente atingidos sem que tenha sido feita qualquer menção à variação linguística do Português, matéria que propicia o conhecimento e a aceitação das diferenças, que caracteriza um vector importante da realidade portuguesa e que se crê elemento fundamental da língua enquanto património de todos.

De facto, a descoberta dos dialectos da língua, silenciados para que esta possa ser ensinada, suscitará uma reflexão sem preconceitos sobre a variação regional que conduzirá à esperada "maturidade socio-

cultural" de modo mais fundamentado. O negar à variação linguística um tempo de estudo e debate poderá fazer perigar um percurso pedagógico que se idealiza no caminho da socialização plena do indivíduo.

Por outro lado, o trabalho a ser desenvolvido sobre os dialectos vai permitir, numa fase de avançada maturação intelectual, o surgimento de uma metacsciência linguística capaz de reflectir e agir sobre a diversidade de soluções dialectais em presença. A este nível, parece importante que a aquisição de uma capacidade multidialectal³ seja proporcionada não só a jovens falantes da norma que nunca tiveram acesso às variedades enquanto opções legítimas de regiões determinadas, mas também, e sobretudo, a indivíduos que se vêem diariamente corrigidos num discurso plenamente aceite e valorizado pelo seu meio, sem que lhes seja fornecida uma razão válida para essa prática.

A escola que, num primeiro momento, se deve instituir como espaço homogeneizador, capaz de proporcionar a todos os seus elementos um "modelo idealizado de correcção"⁴ que permita o acesso democrático a bens sócio-económicos, não deve permanecer fechada sobre si e sobre as suas convenções. Ao chegar ao ensino secundário, o aluno está já apto a reflectir sobre os conhecimentos adquiridos até então, questionando-os e ampliando-os, ganhando uma consciência progressiva da sua situação enquanto falante de uma língua intrinsecamente sujeita a variações. Este percurso do absoluto para a consciência do relativo deve ser proporcionado, como já foi referido, não só a alunos da norma, como também a alunos que, utilizando determinado dialecto, nunca foram para tal sensibilizados.

No caso dos falantes da norma, é importante que, não só, sejam dadas a conhecer as diferentes variantes geográficas, como também, seja veiculada a concepção de que o registo utilizado é um dialecto que foi instituído como modelo, mas que, nem por isso, é mais válido do que qualquer outro. Assim se anulam os preconceitos que possam recair sobre as produções dialectais, ao mesmo tempo que se cria a capacidade de pensar o que se fala, reflectindo sobre particularidades até então tomadas como regras, pensando o valor relativo da norma instituída.

Se a consciencialização para os falantes do padrão é essencial para o conhecimento da língua, mais necessária se torna para os que, confrontados com a imposição de uma norma, se vêem silenciados por

um discurso que não é o seu. De facto, no caso dos falantes de variedades dialectais estabelece-se um verdadeiro conflito entre o padrão escolar e aquele que utilizam e é valorizado no seu meio socio-cultural. Como lembra Myrian B. da Silva⁵, o papel da escola ao impor uma norma é "negar que ele [aluno] já sabe falar". Ou seja, se se reconhece a importância da aquisição e domínio da norma padrão, deverá também ser reconhecida a necessidade da tomada de consciência da diversidade dialectal. Só assim se poderá legitimar uma prática de correcção sistematicamente imposta ao longo dos anos.

Convém aqui salientar que a atitude do professor em relação aos dialectos, na fase em que não estão ainda reunidas as condições necessárias para o seu estudo, é de vital importância, podendo mesmo comprometer a reflexão futura sobre esta matéria. Ao professor cabe sempre uma conduta de respeito e compreensão relativamente aos enunciados dos seus alunos, posição que não é, de forma alguma, contrária à obrigação de ensinar a variante de prestígio.

Aos alunos deve ser facultado o conhecimento de que aquilo que se está a aprender é uma convenção socialmente aceite e valorizada, mas linguisticamente tão correcta como qualquer outra. A necessidade de aprender a norma não pode ser confundida com a obrigatoriedade de esquecer o registo de fala utilizado e prezado quotidianamente. Assim se conclui que a grande aposta deve ser feita num projecto escolar que assegure a "possibilidade de um trabalho voltado para a valorização e respeito à diversidade lingüística que leve à ampliação do repertório da língua materna e proporcione certo domínio da norma de prestígio"⁶.

Pela introdução do tema da variação dialectal, tornar-se-á possível a implementação e dinamização de uma "pedagogia culturalmente sensível"⁷, capaz de educar falantes que, sendo multidialectais, terão capacidade para mais facilmente adquirirem um perfil sociocultural de respeito e valorização da língua e serão detentores de uma consciência muito mais desperta para os problemas da língua em geral e da variação lingüística em particular.

Em aula, a operacionalização do tópico das variedades deverá ter em conta, por um lado, o quadro de sugestões para a reflexão sobre a língua propostas pelo programa, por outro lado, as áreas em que a diversidade é mais facilmente perceptível. Seguindo esta orientação, propõe-se que o estudo da variação se centre nos campos da fonética e fonologia e do léxico. Para estas duas áreas foi trabalhada, por ser essa

a situação que está mais próxima, a perspectiva de um falante da norma que toma contacto com algumas das realizações dialectais mais marcadamente diferentes da sua. Este estudo sobre a língua foi concebido seguindo os métodos de operacionalização propostos por Luís Prista e Inês Duarte⁸.

De acordo, ainda, com uma advertência do Programa, deverá ser privilegiado um trabalho sobre a língua que parta de situações concretas de uso. Tal indicação, que poderá eventualmente ser redutora para o estudo de algumas das áreas da linguística, não o é no caso da dialectologia. Assim, prevê-se que os alunos tenham acesso a materiais previamente gravados, que ilustrem momentos de conversa livre entre inquiridores e informantes, e que sirvam para que lhes seja dada a oportunidade de reflectirem sobre o que ouvem, sistematizando os traços individualizantes de determinado dialecto, comparando cada manifestação dialectal com a sua e com todas as outras a que terão acesso. Propõe-se que os alunos tomem a seu cargo a livre exploração das particularidades linguísticas e, conseqüentemente, a livre reflexão sobre as características que vão encontrando.

O papel do professor é sobretudo de orientação e coordenação, não impondo resultados, antes apostando num percurso individual de descoberta e investigação, logo, de autonomia intelectual. Aqui, como numa série de outros pontos de reflexão sobre a língua, é essencial que o professor seja detentor de uma sólida formação linguística, já que não só lhe cabe o papel de preparar os materiais sobre os quais os alunos irão trabalhar, como deverá ele próprio ser capaz de fazer o percurso que lhes é proposto, pensando os dados, sistematizando as conclusões. Para além da formação científica, é ainda de apelar a uma forte formação sociocultural, que deverá já ter transparecido mesmo quando o estudo dos dialectos era ainda prematuro. Ao professor cabe a tarefa de servir como exemplo modelar do espírito de tolerância e respeito pela diferença preconizado pelos Programas, devendo, por isso, ter o cuidado de promover o estudo da variação numa atmosfera liberta de qualquer preconceito.

Outro ponto que parece importante destacar é a necessidade de suscitar o debate, exactamente para que se evite a formação de julgamentos de valor antecipados e injustificados. Se bem que o estudo da variação seja já um passo em frente para a compreensão da relatividade da valia que é atribuída a determinadas manifestações dialectais, é útil

que o professor promova a discussão em aula sobre o que é socialmente considerado melhor, em confronto com a impossibilidade linguística de se hierarquizar dialectos.

As fichas construídas para ilustrarem uma possível operacionalização desta matéria foram pensadas tendo como material de base o acervo dialectológico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, nomeadamente as recolhas já efectuadas pelo Grupo de Dialectologia no âmbito do projecto *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). Os mapas apresentados em ambas as fichas foram pensados diferentemente, de modo a permitirem dar conta dos padrões de variação fonética e lexical fixados por Lindley Cintra⁹.

FICHA 1 – VARIAÇÃO FONÉTICA

O estudo dos sons da língua é um dos subpontos do nível de reflexão sobre fonética e fonologia proposto pelo Programa de Secundário. Parece óbvio que o conhecimento deste ponto não estará completo, enquanto não se conhecerem os sons dos dialectos, também eles sons do Português.

Esta ficha está concebida tendo como ponto de partida o conhecimento empírico que cada indivíduo tem sobre os sons que caracterizam dois grandes grupos de dialectos: os do Norte e os do Sul. É ainda nesta fase que o aluno é convidado a perceber o seu falar como manifestação dialectal, devendo registar os sons que o caracterizam. O percurso da impressão para a reflexão começa quando é sugerida a audição de registos que caracterizam determinada variedade e, posteriormente, quando é pedida uma sistematização das particularidades percebidas. O trabalho de investigação fica concluído quando cada grupo, encarregado do estudo de uma zona demarcada, comunica aos restantes o resultado da sua reflexão; constituindo-se, em conjunto, um mapa que dá conta das diferenças registadas em cada uma das regiões trabalhadas. A ficha termina com uma reflexão escrita sujeita ao tema do desconhecimento como gerador do preconceito.

FICHA 2 – VARIAÇÃO LEXICAL

Esta ficha vai permitir ao aluno o conhecimento da variedade de designações existentes para um determinado conceito. Ao operacionalizar esta proposta, a principal atenção deve recair no facto dos itens

escolhidos deverem representar realidades que existam no padrão, de modo a que haja um ponto de referência sólido. Nesta conformidade, sugere-se o estudo das designações de determinados animais, nomeadamente: répteis, insectos e animais bravios.

Também aqui é proposta a audição de gravações, de modo a que sejam recolhidos os nomes utilizados para referir cada um dos animais, escolhidos pela turma, em determinado espaço geográfico. Finda esta actividade, propõe-se um cruzamento de informações de modo a que, estando os alunos divididos em grupo, possa cada grupo recolher todas as designações encontradas para um determinado animal. Nesta compilação de dados, está contemplada a recolha de informações sobre o modo como são designados pelo padrão esses conceitos.

Esta ficha termina com uma consideração conjunta sobre a variação lexical, em que são focados pontos como: quais os conceitos mais sujeitos a variação e quais os padrões distribucionais que foi possível encontrar.

Concluída esta reflexão sobre o ensino da dialectologia a alunos do secundário, espero ter conseguido provar a pertinência do tratamento da variação dialectal em contexto de sala de aula e demonstrar o modo como esta pode ser pensada e dinamizada pelos alunos.¹⁰

Notas

- ¹ É curioso notar que esta falta dos programas é também uma falta registada nos materiais que ajudam à sua consecução, falamos não só dos manuais, como também, e sobretudo, das gramáticas pedagógicas. (cf. CASTRO, 1994).
- ² Cf. *Português, Organização Curricular e Programa – Ensino Secundário*: pág. 8.
- ³ Para um melhor entendimento do termo, cf. SILVA, 1994 e BERNARDO (no prelo).
- ⁴ Cf. SILVA, 1994: pág. 77.
- ⁵ Cf. SILVA, 1994: pág. 79.
- ⁶ Cf. CESAR & NETTO, 1994: pág. 107.
- ⁷ Cf. BORTONI, 1994: pág. 92.
- ⁸ Cf. PRISTA, 1992 e DUARTE, 1992.
- ⁹ Cf. CINTRA, 1983.
- ¹⁰ Durante o período de troca de ideias, após a apresentação desta comunicação, foi-me sugerido que nela fosse incluída uma chamada de atenção para a necessidade de a todos os futuros professores de Português, durante a sua formação, ser veiculada a informação necessária para que, ao exercerem a sua profissão, possam contribuir para a divulgação e estudo das variedades dialectais.

Referências

- AA.VV, *Português, Organização Curricular e Programa – Ensino Secundário*, Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário, s/l, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, (1994: 5ª edição)
- BERNARDO, Mª Clara. "Variação e Ensino do Português – Aspectos da situação da Ilha de São Miguel", (no prelo)
- BORTONI, Stella Maris (1994), "Variação Lingüística e Atividades de Letramento em Sala de Aula", AA.VV, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº12, s/l, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp.82-94.
- CASTRO, Rui Vieira de (1994), "Variações escolares sobre a variação linguística" in AA.VV, *Variação Linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, Lisboa, pp.3-12.
- CESAR, América & NETTO (1994), Socorro. "Norma Padrão x Identidade Cultural: Uma Experiência em Processo", AA.VV, *Revista Internacional de Língua Portuguesa* nº12, s/l, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp.103-107.
- CINTRA, Luís Lindley (1983), *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Colecção "Nova Universidade": Linguística, Lisboa, Sá da Costa Editora.
- DUARTE, Inês (1992), "Oficina Gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo" in Delgado-Martins et al., *Para a Didáctica do Português – Seis Estudos de Linguística*, Lisboa, Edições Colibri.
- DUARTE, Inês et al. (1991) "Proposta de Nomenclatura Gramatical (Ensino Básico e Secundário) – Versão Actualizada" in Delgado-Martins et al., *Documentos do Encontro sobre os Novos Programas de Português*, Lisboa, Edições Colibri.
- PRISTA, Luís (1992), "Mar, Maria, Dadinha, Cunha, Tentar que digam que consideramos que, Anticonstitucionalissimamente, Off-side, Falabalá-queo ou Oito Fichas de Gramática" in Delgado-Martins et al., *Para a Didáctica do Português – Seis Estudos de Linguística*, Lisboa, Edições Colibri.
- SILVA, Myrian Barbosa da (1994), "A Escola, a Gramática e a Norma", AA.VV, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº12, s/l, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp.75-81.

FICHA 1 – VARIAÇÃO FONÉTICA

1. Imagina que o teu correspondente (pen friend) te escrevia e, entre as várias perguntas que te fazia sobre Portugal, queria saber se em todas as regiões se falava da mesma maneira, ou se determinadas zonas apresentavam modos de falar diferentes do teu. Certamente dir-lhe-ias que há diferenças, e talvez escrevesse uma frase a ilustrar o modo como cada um fala.

Começando por uma frase que ilustre a tua maneira de falar, escreve outras duas que caracterizem uma pessoa do Norte e uma pessoa do Sul.

A tua: _____

A do Norte: _____

A do Sul: _____

A maioria das diferenças que notaste têm a ver com os sons da língua, não é?

Junta-te a um grupo de colegas e verifica se também foram essas as diferenças por eles registadas.

2. Em conjunto, elabora uma lista que dê conta das particularidades notadas para:

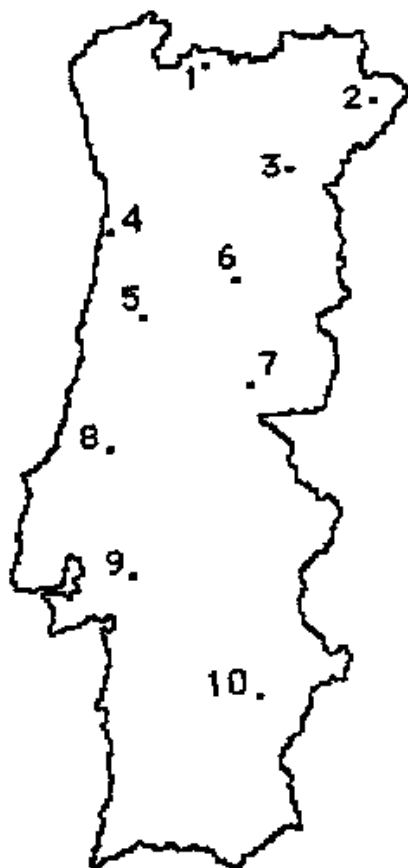
O modo de falar de Lisboa:

O do Norte:

O do Sul:

Atenção, os sons mais característicos devem ser transpostos para símbolos fonéticos e aparecer entre []. Sempre que tenhas dúvidas consulta o teu professor!

3. Neste mapa estão representados locais onde é possível registar alguns sons estranhos para quem é de Lisboa. Escolhe, com o teu grupo, um local e ouve a gravação preparada pelo teu professor para ilustrar as diferenças que aí se notam.



Mapa I

4. Debate com os teus colegas quais os sons mais característicos desse dialecto (modo de falar), e regista-os no quadro que se segue:

PONTO:

SONS CARACTERÍSTICOS:

CONSOANTES

VOGAIS

CONSOANTES	VOGAIS

5. Em conjunto com a turma, elabora um mapa (A4) onde seja possível, em cada ponto, escrever os sons que o diferenciam dos outros.

Deverão ser feitas várias cópias deste mapa para que cada aluno possa ter a sua, e para que possam divulgar o trabalho a outros alunos da escola.

6. Terminado este trabalho de investigação, ouve com atenção "A pronúncia do Norte" dos GNR, e faz uma composição individual em que reflectas sobre aquele passo da música em que se diz: "É a pronúncia do Norte, os *tolos* chamam-lhe *torpe*".

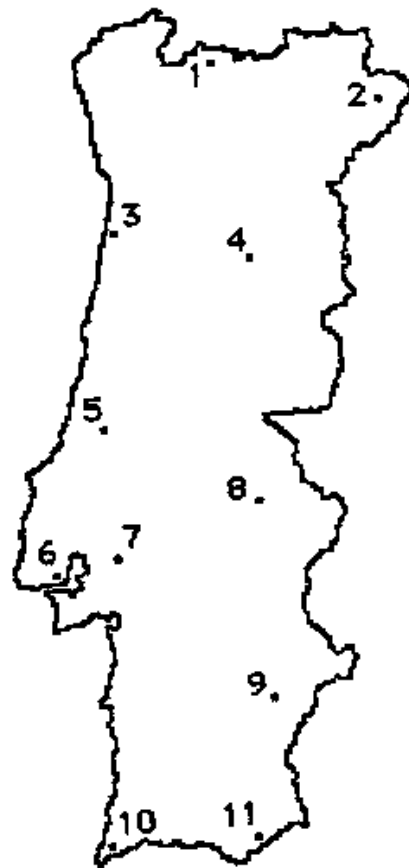
FICHA 2 – VARIAÇÃO LEXICAL

1. O primeiro passo para a elaboração desta ficha é escolheres um grupo de trabalho e decidires conjuntamente com os teus colegas quais são os animais cujos nomes gostarias de estudar. O objectivo deste trabalho é ficares a saber quais as designações utilizadas para um mesmo animal ao longo do país.

Da tua lista de animais podem constar animais bravios, insectos ou répteis.

2. Depois de decididos quais os animais a estudar, deves comunicar à turma as hipóteses de trabalho encontradas. Nesta fase, a turma negocia de modo a chegar a um consenso entre todos os grupos. A lista comum a toda a turma não deve ter mais do que 10 animais.

3. O ponto de partida para a investigação é a escolha da localidade a ser tratada pelo teu grupo. Para isso tens que escolher um dos pontos representados neste mapa, à excepção do ponto 6 que todos os grupos irão trabalhar.



Mapa II

ANIMAL:	
---------	--

PONTO	DESIGNAÇÃO
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	

7. Partindo do quadro, transpõe as informações recolhidas para o mapa em 3.. Consegues determinar quais os pontos em que o nome é comum? A distribuição geográfica desses pontos é importante? Quais são os pontos que se opõem?

8. Tendo o professor como moderador, debate com o resto da turma as conclusões a que chegaram. A variação nos outros animais é parecida com a tua? (cf. o número de designações diferentes e o modo como elas se distribuem)

Regista aqui as conclusões a que for possível chegar.